

“MALES NOS TRÓPICOS”: RELATOS DO VIAJANTE ESTRANGEIRO  
JOHANN JAKOB VON TSCHUDI SOBRE AS DOENÇAS  
ENTRE OS PRIMEIROS IMIGRANTES ALEMÃES NA PROVÍNCIA  
DO ESPÍRITO SANTO (1860)

*“Evils in the Tropics”: Stories of the Foreign Traveler Johann Jakob Von Tschudi about the Diseases Among the First German Immigrants in the Espírito Santo’s Province (1860)*

Sergio Luiz MARLOW<sup>1</sup>  
Sebastião Pimentel FRANCO<sup>2</sup>

Fecha de recepción: 30 de junio de 2018

Fecha de aceptación y versión final: 10 de octubre de 2018

RESUMO: A vinda dos imigrantes estrangeiros, incluídos os alemães, à província do Espírito Santo, na segunda metade do século XIX, que pretendia a ocupação e o uso produtivo da terra, deu-se com o enfrentamento de muitas e severas dificuldades de ordens econômica, política, social e cultural. Entre tantos problemas, havia também grandes necessidades na área da saúde, especialmente no tratamento das doenças e moléstias. O presente artigo objetiva analisar quais foram as principais ocorrências dos “males nos trópicos” entre os imigrantes alemães e seus descendentes nos primeiros anos de sua chegada ao Espírito Santo, especialmente com base no relatório do representante do Governo Suíço, Barão Johann Jakob Von Tschudi, em visita à província, no ano de 1860.

PALAVRAS-CHAVE: relatório, doenças, imigrantes, Johann Von Tschudi, Espírito Santo.

---

<sup>1</sup> Sergio Luiz MARLOW – Pós-doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas (PPGHIS) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: sergiomarlow@gmail.com.

<sup>2</sup> Sebastião Pimentel FRANCO – Pós-doutor em História pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas (PPGHIS) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: sp.franco@uol.com.br.



**ABSTRACT:** The arrival of foreign immigrants, including Germans, to the province of Espírito Santo in the second half of the nineteenth century resulted in many severe economic, political, social and cultural difficulties regarding the occupation and the productive usage of the land. Among many issues, there was also a great need for healthcare, especially for treatment of diseases and ailments. This article aims to analyze the main events of the "evils in the tropics" among German immigrants and their descendants in the early years of their arrival in the Espírito Santo, mostly on the basis of a report by Baron Johann Jakob von Tschudi, a representative of the Swiss Government, prepared when he visited the province in 1860.

**KEYWORDS:** Report, diseases, immigrants, Johann Von Tschudi, Espírito Santo.

## INTRODUÇÃO

A possibilidade de estudo e pesquisa a respeito da história da saúde e das doenças é fascinante. No entanto, Hochmann (2013) enfatiza ao mesmo tempo, que o tema é relativamente recente. Em especial, sobre a produção historiográfica do assunto, o autor afirma que:

O campo da história da saúde pública no Brasil tem se desenvolvido de modo vigoroso e consistente a partir da última década do século XX. Multidisciplinares por natureza, as análises históricas sobre temas da saúde, do adoecimento, do sofrimento, da doença e da morte, resultaram numa profusão de artigos, capítulos, livros, seminários, teses e dissertações. São evidências deste crescimento virtuoso [...] os espaços crescentes oferecidos e conquistados, em torno de revistas das áreas de história, das ciências sociais e da saúde coletiva (Hochmann, 2013: 9).

Neste sentido, e dentro das possibilidades de estudos historiográficos nas áreas da saúde e das doenças, os registros dos viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil desde o período colonial oferecem uma possibilidade ímpar de tentar compreender a situação que tanto brasileiros nativos, como também estrangeiros estabelecidos no país, enfrentavam em relação à saúde e às doenças da época.

Exemplo interessante dessa possibilidade encontra-se no artigo de Karen Lisboa, intitulado: *Insalubridade, doenças e imigrações: visões alemãs sobre o Brasil*. No seu artigo, Lisboa (2013: 119-139) trabalha os relatórios de viajantes alemães que, em determinados períodos dos séculos XIX e XX, desembarcaram no Brasil e “inspecionaram” as colônias alemãs no sul e no sudeste do país, indicando as suas potencialidades, mas também verificando as muitas mazelas que grande parte de seus imigrantes enfrentava no que diz respeito a habitação, saúde, economia e até mesmo convivência com os brasileiros em geral.

É importante ressaltar que para Lisboa (2013), tomando como base de sua análise as primeiras levas de imigrantes que haviam chegado ao Brasil ainda na década de 1820, mas, principalmente nas proximidades do final da escravidão,

no limiar da chegada da República e mesmo no século XX, as questões de mão-de-obra para a lavoura, fim da escravidão e demandas raciais que estavam amplamente interligadas:

Vale lembrar que a partir da década de 1870, com a aproximação do fim da escravidão no Brasil, a questão da mão-de-obra acalenta o debate sobre a imigração europeia. Esses projetos gozavam de mais ou menos respaldo na classe política na esfera provincial e imperial, enquanto que se justificavam também pelas teorias raciais que vislumbravam o branqueamento da sociedade (Lisboa, 2013: 120).

Além disso, se por um lado os relatos dos viajantes que vieram ao Brasil nos permitem compreender um pouco da visão sobre o que ocorria em “terras tupiniquins”, por outro lado, “quando utilizamos a narrativa de viajantes como fonte histórica, devemos levar em consideração que o produtor das informações é um estrangeiro, que tem uma visão de mundo e experiências de vida dentro de uma outra cultura” (Doro, 2012: 138).

Caminhando nesta perspectiva, os relatos de viagem, em muitos casos, expressavam uma visão eurocêntrica em que, no caso, a América era compreendida como um território não somente a ser explorado, mas também analisado e “convencido” da necessidade de ouvir o que o europeu afirmava a seu respeito. Neste sentido, para grande parcela dos viajantes europeus, o continente americano era entendido como um território que, possuindo abundante natureza, seria um verdadeiro laboratório a céu aberto para a aplicação do conhecimento científico. Assim, os relatos de viajantes ocorreram com maior intensidade a partir do século XIX e muitas viagens tiveram financiamento e caráter acadêmico-científico.

No século XIX, a presença de viajantes europeus no Brasil intensificou-se. Alguns fatores contribuíram para que isso ocorresse, como a vinda de D. João para o Brasil, em 1808, e a decretação da abertura dos portos a outras nações. [...] as expedições que passaram a percorrer o território brasileiro eram formadas por acadêmicos especialistas em diversas áreas do conhecimento. As chamadas missões científicas foram patrocinadas por governos estrangeiros ou pelo brasileiro. Outros eram financiados pelos próprios integrantes da expedição (Doro, 2012: 137).

Franco informa que os relatos dos viajantes, na maioria dos casos, não deveriam ser entendidos como simples narrativas, pois além de um considerável investimento para a época, eram sim evidências do que os pesquisadores viajantes realmente pretendiam encontrar, evidências científicas quando de suas expedições em território latino-americano:

A elaboração de livros de viagem no século XIX era um empreendimento literário complexo, que ultrapassava as ações de simplesmente “ver” e “narrar” o observado. Escrever um relato não era uma tarefa simples. Ao contrário, demandava um projeto, uma intenção

e, além disso, um conhecimento mínimo das regras e padrões a serem seguidos, convenções já instituídas a serem respeitadas. Precisava-se, ademais, de tempo, não só para viajar e visitar, se possível mais de uma vez, sobre o que ia ser descrito, como também ler e conhecer o que outros viajantes haviam apontado sobre um determinado objeto de descrição (Franco, 2008: 100).

Desta forma, os relatos de viajantes europeus que adentraram também o Brasil são importantes fontes de pesquisa e estudo das dinâmicas e dos processos sociais em desenvolvimento na América Latina, também no século XIX e, em nosso caso, mais especificamente, no território brasileiro, na província do Espírito Santo.

Este artigo procura apresentar o relatório de um destes viajantes, o enviado do Governo Suíço, Barão Johann Jakob Von Tschudi que, no ano de 1860, visitou colônias alemãs e de outras nacionalidades na Província do Espírito Santo. O barão suíço viajou com a missão de relatar as condições de vida em que estes imigrantes se encontravam na época ao governo europeu que o enviou, bem como a todos aqueles que estivessem interessados em informações sobre a nação que abrigava um contingente bastante intenso de imigrantes europeus.

Antes de analisarmos o relatório apresentado por Tschudi, faz-se necessário apontar sobre a vinda dos imigrantes estrangeiros para o Brasil, e mais especificamente para a Província do Espírito Santo, além da fundação das primeiras colônias em terras capixabas.

#### A VINDA DE IMIGRANTES ESTRANGEIROS EUROPEUS PARA A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO

É oportuno registrar que foram os alemães, os primeiros que emigraram para o Brasil após a independência do país. Num primeiro momento, foram criados núcleos de colonização na Bahia, na cidade de Leopoldina, no ano de 1818, mas, que rapidamente fracassaram. Posteriormente, na colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, no ano de 1824, e em Santa Catarina, no ano de 1828, na colônia de São Pedro de Alcântara, estes com efetivo sucesso.

Seyferth informa que, além das colônias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, também no Rio de Janeiro e no Espírito Santo estes grupos se organizaram:

As principais colônias estavam situadas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, todas “alemãs”. Fora da região Sul, imigrantes alemães participaram da colonização de dois outros núcleos – Petrópolis (colônia fundada em 1845 na região serrana do Rio de Janeiro) e Santa Isabel (fundada em 1847 no Espírito Santo) (Seyferth, 1974: 29-30).

Nara Saletto, em sua obra *Trabalhadores nacionais e imigrantes no mercado de trabalho do Espírito Santo (1888-1930)*, descreve a vinda de imigrantes alemães e de outras nacionalidades europeias para a Província do Espírito Santo. Segundo Saletto (1996: 131), houve uma primeira leva de imigrantes açorianos que se fixaram em Viana, em pequeno número, no ano de 1813, mas é somente a partir de 1847 que o governo imperial inicia uma política imigratória mais efetiva com a criação de núcleos coloniais de pequenos proprietários.

Desta forma, pontua Saletto (1996: 131) que “foram fundadas inicialmente duas colônias com imigrantes de predominância alemã, na região serrana central, próximas à Vitória: Santa Isabel (1847) e Santa Leopoldina (1857)”, que serviram de base para o crescimento e concentração desta etnia na então província do Espírito Santo. A respeito dos primeiros imigrantes estabelecidos em colônias na província do Espírito Santo, destaca uma numerosa chegada, bem como sensível redução da imigração décadas depois. Segundo a autora,

Nas primeiras décadas predominaram os alemães, acompanhados de algumas centenas de suíços de língua alemã e holandeses, e em menor número de luxemburgueses e belgas, que se fundiram com os alemães. Entre esses o contingente mais numeroso foi o dos pomeranos. Porém a partir de 1880 a imigração alemã tornou-se inexpressível [na província] (Saletto, 1996: 135).

Também Rocha (2000) descreve a vinda dos imigrantes estrangeiros para a província do Espírito Santo, em meados do século XIX, e entende que tal imigração pode ser dividida em três períodos de levadas de imigrantes da Europa com destino às terras capixabas: 1ª fase – de 1847 a 1881; 2ª fase – de 1882 a 1887; e 3ª fase – de 1888 a 1896 (Rocha, 2000: 75).

No que tange ao objetivo deste artigo, que é analisar o relatório do Barão Von Tschudi ao Governo Suíço, lavrado no ano de 1860, considerar-se-á a primeira fase desta imigração, que corresponde ao período de 1847 a 1881. Nesta fase, foram criadas quatro colônias no interior da província: Em Santa Isabel, no ano de 1847; em Rio Novo, no ano de 1855, essa proveniente de um empreendimento particular que futuramente seria encampado pelo Governo Provincial no ano de 1861; em Santa Leopoldina, na década de 1850, mais especificamente em 1857, e, por fim, em Castelo, cerca de duas décadas depois, no ano de 1880.

Em relação à fundação da primeira colônia, a Colônia de Santa Isabel, Rocha (2006: 76-78) informa sobre sua composição que era de 163 imigrantes alemães provenientes do Hunsrück e do Hesse, região central do Reno. Já sobre a Colônia de Rio Novo, fundada em 1855 por uma empresa particular, indica que a “Imperial Associação Colonial de Rio Novo, [...] através de seu Presidente, Major Caetano Dias da Silva, comprou do Governo Geral 20 léguas de terras

situadas nos municípios de Itapemirim e Beneventes” (Rocha, 2000: 77), a fim de ali abrigar os imigrantes que chegassem àquela região. Entretanto, o fracasso da colônia de Rio Novo poderia ser medido visto que, dos 929 colonos que chegaram à colônia em seu primeiro ano de funcionamento, restariam apenas 387 sete anos depois, em 1862 (Rocha, 2000: 78), tendo sido encampada pelo Governo Imperial, em 1861, com o objetivo de tentar proporcionar uma nova perspectiva aos colonos lá instalados que viviam em penúria e grande descontentamento com a administração original.

Percebe-se ainda as dificuldades e as tentativas do Governo Imperial de resolver o problema dos colonos em Rio Novo antes de sua efetiva encampação:

Por contrato assinado com a Associação, o Governo Imperial obrigou-se a subvencionar até 3.600 colonos que aquela introduzisse e estabelecesse na colônia por um prazo de cinco anos. Durante sua curta existência, a Associação foi contemplada com os favores dos cofres públicos, o que não foi suficiente para evitar o seu fracasso. E assim, a 7 de outubro de 1861, a colônia de Rio Novo foi encampada pelo Governo Imperial em virtude da “falta de capitais” e da “precipitação com que entre nós se fizeram os ensaios de colonização”, de acordo com as palavras do Presidente [da província do Espírito Santo] Costa Pereira Junior (Rocha, 2000: 78).

Por fim, descreve também o processo de fixação de colonos estrangeiros naquela que viria a ser chamada de colônia de Santa Leopoldina:

Dez anos após a criação de Santa Isabel fundou-se uma nova colônia no Espírito Santo: Santa Leopoldina. Situada inicialmente à margem direita do rio Santa Maria, recebeu, em março de 1857, 140 imigrantes: suíços, hanoverianos, luxemburgueses, prussianos e holsteanos, com predominância dos primeiros que, descontentes com seus contratos de parceria em fazendas de café de Ubatuba, foram enviados para a nova colônia pelas autoridades centrais (Rocha, 2000: 79).

Sobre Santa Leopoldina e o que nos interessa em especial, que é a data de 1860, Rocha (2000: 79) afirma que: “nos três anos seguintes ao de sua fundação o estabelecimento colonial recebeu novos contingentes de imigrantes: luxemburgueses, hessenianos, austríacos, holandeses, badenses e pomeranos”.

Nota-se, desta forma, a presença, nesta fase inicial de colonização da Província do Espírito Santo, do imigrante do norte da Europa que buscava, ao vir para o Brasil, a possibilidade de não apenas produzir o seu sustento, mas também conquistar o seu pedaço de terra em solo brasileiro.

## O RELATÓRIO DO BARÃO JOHANN JACOK VON TSCHUDI AO GOVERNO SUÍÇO (1860)

Passado um pouco mais de uma década da formação da primeira colônia, Santa Isabel, em 1847, o representante do Cônsul da Suíça, Barão Johann Jakob Von Tschudi, no ano de 1860, veio ao Brasil, sendo que interessa a este artigo sua visita ao Espírito Santo para verificar as condições de vida dos imigrantes aqui estabelecidos.<sup>3</sup>

Tschudi era um viajante enviado pelo Governo Suíço, que já havia estado na América do Sul anteriormente e que possuía um vasto conhecimento intelectual, visto que, além de ter diploma em medicina, ele era filósofo, naturalista e autor de importantes trabalhos de cunho científico sobre a fauna e as antiguidades peruanas, além de um estudo sobre a língua geral do antigo império inca, o Quetchua.

O relatório de Tschudi pode ser classificado como relato de um viajante estrangeiro interessado em verificar a situação dos imigrantes europeus, especialmente os suíços que vieram para o Estado. Neste sentido, Rocha esclarece o objetivo da viagem e dos registros de Tschudi:

Representado por aqueles que visitaram a Província/Estado do Espírito Santo investido de prerrogativas oficiais (dos seus países), tendo uma missão determinada a cumprir; [...] o objetivo é muito claro: oferecer aos governos aos quais serviam um retrato fiel (ao menos assim lhe parecia) das condições em que viviam os seus compatriotas (Rocha, 2004: 20).

Rocha (2004: 21) ainda descreve que, de todos os relatos de viajantes estrangeiros a respeito da situação dos imigrantes em solo espírito-santense, os registros de Tschudi são os mais contundentes porque “ele não hesita em denunciar, atacar, acusar e até mesmo ridicularizar. [...] Mas, justiça se faça: mesmo que às vezes se exceda em suas críticas – e ele mesmo reconhece posteriormente – Tschudi nos oferece um retrato muito próximo não somente das mazelas”.

---

<sup>3</sup> Conforme Dreher (2012: 50) descreve: “natural de Glarus, na Suíça, Johann Jakob Von Tschudi (1818-1889) esteve pela primeira vez na América do Sul entre 1838 a 1843, quando permaneceu no Peru. De 1857 a 1859 esteve pela primeira vez no Brasil, país ao qual retornaria em 1860, na qualidade de embaixador da Conferência Helvética. Aqui permaneceu até 1868. Destas permanências resultaram diversas obras, entre as quais merece destaque os 5 volumes de suas *Reisen durch Südamerika* (Viagens pela América do Sul), obra publicada em Leipzig pela Editora Brockhaus entre os anos de 1866 e 1869 [...]. Incumbido pela Conferência Helvética de verificar a situação dos emigrados pelos cantões suíços, após a crise provocada pelo levante da Fazenda Ibicaba [...], Tschudi não só nos legou a memória desta imigração, mas também de outros grupos étnicos europeus [...]. Além da descrição da vida urbana e rural na América do Sul, a obra é importante fonte para as leituras de europeus sobre o continente”.

Tschudi, em seu relatório apresentado ao Governo Suíço, descreve com pormenores a situação em que se encontravam os imigrantes estrangeiros nas recém-fundadas colônias na Província do Espírito Santo. Em sua estada na Província, além de solicitar e conferir documentos da época, Tschudi faz visitas locais às três colônias então existentes: primeiramente, a colônia de Santa Isabel; posteriormente, as colônias de Santa Leopoldina e Rio Novo.

Nestas visitas, Tschudi identifica várias questões relacionadas à vinda dos imigrantes, inclusive referindo-se a falsas promessas feitas aos mesmos por agenciadores, bem como também relata a situação em que se encontravam os imigrantes no que diz respeito ao subsídio do Governo Imperial, do assentamento nas colônias, da produtividade das mesmas, das dificuldades e possibilidades de crescimento e das questões religiosas nas colônias. É notória, no relatório de Tschudi, a preocupação com a situação de vida dos colonos. Também Tschudi faz uma longa descrição da paisagem, das aldeias formadas ou em formação, de usos e costumes daqueles que habitavam o Espírito Santo, e da capital Vitória.

Dois fatos bastante pitorescos nos escritos de Tschudi que retratam, em certo sentido, a opinião e os preconceitos do viajante europeu na América do Sul e no Brasil são, a seguir, apresentados: Primeiramente, um relato irônico sobre a apresentação da peça *Prima-Donna*, no Teatro Municipal de Vitória, e, num segundo momento, um relato do “estado de choque” do viajante ao conhecer uma criança miscigenada, filha de um chinês (havia chineses também entre os estrangeiros na Província) e uma negra, revelando, inclusive sua inconformidade com tal fato.

Em tom irônico, o enviado do Governo Suíço, por conta de uma apresentação teatral em Vitória em que fora convidado a assistir pelo então Presidente da Província, numa noite quente, relata:

Ao retornarmos de Santa Isabel encontramos convites escritos com muita elegância para a apresentação beneficente da *prima-donna* do Teatro Municipal de Vitória. [...] A anfitriã, uma mulata baixinha e corpulenta num traje extremamente ingênuo, apresentou-se no meio do palco com o pé direito estendido e, diante do público que ouvia silenciosamente, desempenhou o seu papel com uma voz monótona e um pouco anasalada, levantando e abaixando com a regularidade de um pêndulo a mão direita e a esquerda alternadamente, com os dedos bem estendidos. [...] Os aplausos efusivos dos inúmeros ouvintes ali reunidos foram a recompensa da prima-dona pelos seus esforços artísticos. [...] Todos se esforçaram sinceramente para fazer valer os seus estranhos conceitos de declamação e mímica, mas também causaram em nós o desejo mais ardente de ver encerrada o mais breve possível aquela tortura física e espiritual, pois o pequeno auditório do teatro estava repleto de espectadores e o calor e o ar pesado eram quase sufocantes (Tschudi, 2004: 63).

Há o relato também a respeito de uma criança filha de um chinês e de uma negra, vista por Tschudi quando de sua passagem pela Colônia de Rio Novo.

O viajante descreve o fenótipo da criança, destacando não ser prudente o “misturar das raças”:

Na manhã seguinte, enquanto os cavalos estavam sendo selados, mostraram-me uma criança de quatro ou cinco anos, um bastardo de um chinês com uma negra de bengala. Nunca havia visto uma fisionomia humana tal parecida com a de um animal como a desta menina morena escura. [...] Sem dúvida, a mistura das duas raças não contribuiu para o aperfeiçoamento da espécie humana. A criança era muito maldosa, pérfida e desobediente, o que bem poderia significar imperfeições raciais e falhas educacionais (Tschudi, 2004: 104).

Nota-se que, para Tschudi, a miscigenação contribuiu para a criação de raças “imperfeitas”, numa clara alusão às teorias racialistas que vinham se afirmando século XIX adentro e que proclamavam a superioridade da raça branca em detrimento das outras etnias.

Aqui cabe uma intervenção a fim de compreender a posição de Tschudi em questões como as anteriormente mencionadas. Franco (2008), sobre os relatos dos viajantes, afirma a dificuldade que estes possuíam de fazer uma observação imparcial da realidade que observavam, pois,

Ainda que muitas vezes os viajantes fizessem questão de afirmar a imparcialidade em suas narrações ou assumissem um compromisso com a verdade absoluta, supostamente atingida pelo intermédio da ciência, suas obras exprimem valores, visões e estereótipos. A literatura de viagem divulga imagens pelas quais os viajantes demonstram suas concepções sobre a sociedade. A partir de comparações, os viajantes assumem posições, ao mesmo tempo em que procuram tocar, despertar e influenciar aqueles que o leem (Franco, 2008: 28).

Isso parece ficar evidente em parte das observações feitas pelo Barão Tschudi ao Governo Suíço, quando de sua visita às colônias na província do Espírito Santo, de que suas observações a respeito do que ocorria representavam com profundidade e atenção os fatos relativos à sua viagem ao encontro destes imigrantes que aqui viviam.

#### “MALES NOS TRÓPICOS” – A QUESTÃO DA SAÚDE E DAS DOENÇAS NAS COLÔNIAS DE IMIGRANTES ALEMÃES NA PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO SEGUNDO O RELATÓRIO DO BARÃO JOHANN JACOK VON TSCHUDI

Tschudi, em seu relatório, dedicou especial atenção à questão da saúde na qual se encontravam os imigrantes nas colônias no Espírito Santo. Seu parecer era favorável à primeira colônia fundada, Santa Isabel. A respeito dela, Tschudi lembrava que a colônia havia sido fundada em 1847 por cerca de 38 famílias, num total de 163 pessoas, provenientes da Prússia Renana (Tschudi, 2004: 61).

No relatório, Tschudi ainda apontava para o número de colonos que ele encontrara quando da visita à colônia (1860), sendo que destacava não apenas

o total de habitantes na colônia, mas também o baixo índice de mortalidade lá encontrado:

Em 1858 eram 278 colonos sendo que em dezembro de 1860 havia subido para 628 pessoas. Destes 410 eram alemães, 08 suíços, 02 franceses 24 sardenhos (piemonteses) e 184 brasileiros (filhos de colonos nascidos no Brasil). Morreram em 1859 sete pessoas e em 1860 cinco pessoas (Tschudi, 2004: 61-62).

Tschudi explicou o motivo de tão baixa mortalidade encontrada na colônia de Santa Isabel. Para ele, o fator era geográfico e climático, já que a colônia se encontrava em uma posição que, como veremos mais adiante, não propiciava o aparecimento de miasmas, apesar da crítica feita por Tschudi a respeito do atendimento médico oferecido pelo Governo da província:

O motivo da baixa mortalidade talvez resida bem mais na localização bastante alta da colônia e do clima agradável ali existente, como ocorre em muitas outras colônias – o que é menos prejudicial aos europeus recém-chegados – do que à habilidade do médico da colônia pago pelo Governo (Tschudi, 2004: 65).

Sônia Maria de Magalhães, em livro que trata das doenças em Goiás, no século XIX, enfatiza a questão levantada por Tschudi a respeito da teoria dos Miasmas, visto que, segundo a referida autora, “até fins do século XIX, no campo da medicina, dominava a teoria miasmática, princípio segundo o qual as doenças seriam causadas pelo estado da atmosfera” (Magalhães, 2014: 95).

Magalhães, inclusive, descreve exemplo do local no qual deveria ser construído um hospital em Goiás, observando-se quais eram as condições do solo e da atmosfera mais propícias para tal edificação:

Para o doutor Azevedo (1844: 16), na escolha de um local salubre para a edificação de um hospital próximo a cidade, devia-se “estudar a natureza do terreno, a disposição de suas camadas, sua inclinação e elevação, as águas que o regam, as espessuras das matas, suas distâncias, a elevação das serras que se avizinham, assim como a proximidade dos pântanos e das exalações infectas de certos fabricos, a desfavorável direção dos ventos ou sua salubridade e frequência, as neblinas, a intensidade e a frequência dos vapores elétricos” (Magalhães, 2014: 161).

Entretanto, o mesmo não poderia ser dito das outras duas colônias existentes na região e visitadas por Tschudi. Em Santa Leopoldina e também em Rio Novo, o representante do cônsul elencou vários problemas de saúde pelos quais passavam os colonos residentes naquelas localidades.

A respeito de Santa Leopoldina, que era composta “em 1860, por 1.003 indivíduos (232 famílias). A maioria predominantemente era alemã” (Tschudi, 2004: 83), ao menos Tschudi entendia que o clima correspondia ao da colônia de Santa Isabel. Todavia, em virtude do terreno ser, na sua opinião, de baixíssi-

ma produtividade, “cresciam a miséria, a fome e as doenças entre os colonos” (Tschudi, 2004: 77).

Essa situação, segundo Tschudi, resultava numa triste realidade para muitas mulheres na colônia de Santa Leopoldina que, devido à pobreza em que viviam, segundo seu relato, entregavam-se à prostituição.

Em Porto de Cachoeira [sede de Santa Leopoldina], as mulheres e as filhas de colonos entregavam-se aos brasileiros por uma ou algumas patacas a fim de comprar mantimentos, e mais tarde arrastavam um corpo corroído pela sífilis (Tschudi, 2004: 77).

Provavelmente tão grave quanto esta situação era a realidade de muitos colonos que, segundo Tschudi, sofriam de uma moléstia: a opilação. Apesar de mais extensa, é importante verificar a opinião de Tschudi sobre esta moléstia resultante, segundo ele, da ingestão de certos alimentos e da “pobre alimentação” dos colonos:

Na época, o estado de saúde dos colonos era ruim, apesar do clima saudável. A causa estava na alimentação deficiente, pois um número muito grande de colonos dependia exclusivamente do consumo de farinha de mandioca fervida na água formando uma espécie de grude pastoso ou cozido à maneira de panqueca. A ingestão de uma grande quantidade deste alimento feculoso e a absorção limitada de proteínas e gorduras produzem uma doença bastante rara na Europa, mas muito comum no Brasil: a hidremia (opilação). Sua característica é o aumento do conteúdo aquoso no sangue. O sangue que escorre de um corte ou de uma sangria contém quase somente linfa e uma quantidade assombrosa baixa de fibrina. Fraqueza, abatimento, palpitações, asma, abscessos aquosos, clorose, hidropisia, úlceras atônicas, grande lentidão das funções do canal do intestino e um forte inchaço do fígado são quase sempre as consequências desta doença que faz inúmeras vítimas. Os melhores meios de prevenção são uma alimentação equilibrada e um alegre estado de espírito que dentro da realidade de Santa Leopoldina, não são condições fáceis de se obter (Tschudi, 2004: 80-81).

Tschudi, desta forma, entendia que este tipo de alimentação, composto basicamente por farinha de mandioca, era responsável pela moléstia denominada hidremia ou opilação: “um número bastante considerável de colonos está doente ou debilitado principalmente entre os suíços, os holandeses e os prussianos. Fica-se chocado com a visão de criaturas pálidas, inchadas, enfraquecidas e abatidas” (Tschudi, 2004: 37). Na mesma página do relatório, Tschudi concluía afirmando que “a causa não está no clima, mas sim numa alimentação precária” (Tschudi, 2004: 37).

Essa concepção de uma alimentação inadequada que colaborava para a promoção da opilação pode ser verificada, segundo Magalhães, dentro dos pressupostos médicos da época:

Desde o período colonial, a presença da opilação, considerada uma das principais causas das mortes entre os escravos, vinha sendo notada por cronistas, médicos e naturalistas, principalmente por causa dos seus sintomas característicos: debilidade física (cansaço) e geofa-

gia (hábito de comer a terra). Até então, a medicina não havia se mobilizado para oferecer uma explicação científica ao problema, mesmo sendo uma doença endêmica. Foi a partir da conceituação proposta pelo médico José Martins da Cruz Jobim que a opilação se transformou num dos temas mais examinados e discutidos da história da higiene no Brasil. Jobim propunha a etiologia da opilação associando-a diretamente às condições de vida dos indivíduos afetados. Considerava-se a anemia intestinal uma doença vinculada à pobreza e, por isso, suas principais vítimas estavam entre aqueles que viviam na miséria, habituados a fazer uso exclusivo de uma alimentação feculenta (Magalhães, 2014: 40).

Magalhães lembra que, antes de Cruz Jobim, “outros médicos atribuíram aos péssimos hábitos populares, sobretudo a dieta baseada em alimentos ‘pouco nutrientes e indigestos’ – composta pelo uso exclusivo de farinhas de mandioca e milho e feijão, considerados impróprios para as condições de vida sob o clima tropical – ‘o risco de ficar hipoêmico’” (Magalhães, 2014: 41).

Por fim, ainda sobre Santa Leopoldina, Tschudi fez uma crítica bastante severa ao fotógrafo francês, em suas palavras “um certo sr. Victor Frond” (Tschudi, 2004: 81), cujas fotografias retratavam apenas os colonos saudáveis, minoria na colônia, ao invés de revelar a verdade estampada no rosto e no corpo da maioria dos colonos. Tschudi afirmou a esse respeito que:

Não se viam as figuras pálidas, inchadas, com os olhos fundos, desanimadas, cambaleantes, muito menos os infelizes no duro leito de dor lutando contra a doença e a fome, e as crianças franzinas gritando por alimento às suas mães curvadas de desgosto, nem as mulheres e meninas que, de madrugada saem sorrateiramente das casas dos funcionários públicos em Porto de Cachoeira para comprar na venda algum mantimento com o ganho de seu abjeto serviço noturno, para qual a necessidade amarga as empurrava (Tschudi, 2004: 81).

Mas, ao que parece, a situação da colônia de Rio Novo era a mais precária em relação às doenças e males enfrentados pelos colonos. Tschudi fez também duras críticas ao responsável pelo empreendimento particular que organizou a colônia de Rio Novo, sugerindo, inclusive, que o fato do Governo Provincial encampar a colônia em parte tenha sido resultado do seu relatório.

Tschudi informa no relatório que, em dezembro de 1856, chegaram à colônia de Rio Novo 12 famílias de colonos suíços (Tschudi, 2004: 105) e que a situação destes imigrantes era bastante dramática, visto que metade ou havia morrido ou estava doente: “Das 90 pessoas que totalizavam as 12 famílias que chegaram ao Brasil [e à província do Espírito Santo], 20 morreram até março de 1860 (entre elas duas fora da colônia), 25 caíram gravemente doentes e apenas 44 estavam saudáveis, uma tinha abandonado a colônia” (Tschudi, 2004: 106). A explicação estava, segundo Tschudi, nos miasmas, que, inalados pelos colonos, provocavam sérias doenças:

No geral, o clima é saudável. Temperado no inverno, ou seja, de maio a outubro; as noites são frequentemente muito frias. No verão, ou seja, a época das chuvas, é quente e úmido.

As influências locais produzem algumas modificações. O rio Novo, como já disse, está entulhado pelas plantas e corre muito lentamente, quase imperceptivelmente em alguns locais. Os miasmas que aí se formam na estação quente produzem diversas doenças deletérias. No vale do Rio Novo, ao longo do rio, encontrei pessoas doentes na maior parte das famílias dos colonos (Tschudi, 2004: 44-45).

Tschudi reforçava, na segunda versão do relatório (mais estendido), a questão dos miasmas e sua colaboração do surgimento de doenças entre os colonos em Rio Novo:

Ao longo do rio Novo, obstruído em alguns trechos, com um curso muito indolente e quase que totalmente estagnado em alguns pontos, há uma área pantanosa (brejo) cujas exalações são prejudiciais aos moradores. Encontrei pessoas doentes na maioria das famílias residentes neste vale. A maior parte delas sofre de febres intermitentes e úlceras atônicas nos pés que os impede consideravelmente de trabalhar na lavoura e na mata. No vale de Pau d’Alho, um pouco mais alto, a maioria dos colonos era saudável. Quanto mais distantes ficam os assentamentos do leito do rio Novo, mais saudáveis eles são (Tschudi, 2004: 108-109).

No entender de Tschudi, sob a direção do Governo Provincial: “É bem provável que, com a regularização do rio Novo suas margens deixem ao menos de serem brejos e os moradores ribeirinhos venham a sofrer menos de miasmas prejudiciais” (Tschudi, 2004: 110).

É interessante ainda se destacar que Tschudi entendia que o elevado número de doentes e mortos entre os colonos em Rio Novo, além de resultado da ação dos miasmas que provocavam doenças, era decorrência da falta de uma assistência médica adequada para os colonos:

A colônia não tem médico; há no lugar deste um colono português sem instrução e brutal. Poucas colônias teriam, como essa, tanta necessidade de um médico e de medicamentos suficientes, pois, na situação atual, os colonos totalmente privados dos cuidados da medicina, ou evitando recorrer aos canhestros serviços do charlatão, por receio de serem explorados por ele de maneira odiosa, a mortalidade entre os recém-chegados atingiu 20% (Tschudi, 2004: 46).

Além do pensamento de Tschudi de que havia falta de médico para atender uma população carente, muitos também não se deixavam medicar por aqueles a quem consideravam “charlatões”. Sobre isso, é oportuno se mencionar que essa ideia exposta por Tschudi, de não haver assistência médica suficiente, deve ser relativizada, haja vista que uma historiografia mais recente, como em Chalhoub (1996), faz um contraponto a esta afirmação.

Pode-se então, afirmar que, no entender de Tschudi a falta de uma efetiva assistência médica aos colonos nas três primeiras colônias na província do Espírito Santo, aliada a uma alimentação inadequada ou insuficiente, somada à questão dos miasmas, influenciaram decisivamente sua opinião sobre o registro da situação de penúria e miséria encontrada, em especial justificando a proliferação de doenças e a morte entre os colonos. Entretanto, essa realidade poderia mudar

com os cuidados necessários das autoridades da província para com os colonos, especialmente propiciando melhores condições de alimentação e a desobstrução dos leitos dos rios.

#### CONSIDERAÇÕES DO RELATÓRIO DE JOHANN JACOK VON TSCHUDI A RESPEITO DAS DOENÇAS ENTRE OS IMIGRANTES ALEMÃES NA PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO

Apesar da importância do seu relatório, que denunciava a precariedade da vida dos colonos recém-estabelecidos na província do Espírito Santo, Tschudi faz uma descrição dentro da ótica de pensamento reinante naquela época. Isso, por exemplo, fica evidente em suas conclusões a respeito das doenças que afetavam estes colonos. Conforme vimos, a respeito da colônia de Rio Novo, Tschudi afirmava que as moléstias eram consequências da ação dos miasmas.

É elucidativo neste momento lembrar no que consistia a teoria dos miasmas e suas consequências na saúde das populações afetadas pelos mesmos. Segundo Martins, a compreensão dos miasmas se devia à seguinte situação:

Uma das correntes mais antigas da medicina associava as epidemias a certas impurezas existentes no ar, denominadas miasmas. Supunha-se que os miasmas se originavam a partir de exalações de pessoas e animais doentes, emanações dos pântanos, de dejetos e substâncias em decomposição. Sua presença era detectada através do mau cheiro. Acreditava-se que ao impedir a propagação de maus odores, seria possível prevenir ou evitar as epidemias (Martins, s. n: 1).

É oportuno também considerar a opinião de Sebastião Pimentel Franco que, em artigo a respeito da epidemia de cólera na província do Espírito Santo, alguns anos antes da chegada dos imigrantes europeus, informa que a teoria dos miasmas já servia de argumento para a explicação de moléstias e enfermidades. Franco lembra o episódio ocorrido no início da década de 1840:

Em 1840, a presença de febres intermitentes causou muitas mortes em São Mateus, preocupando o governante da província, levando-o a solicitar ao cirurgião vacínico que lhe informasse as causas desse mal. Este respondeu explicando que a origem dessa doença era o fato de a população estar inalando ar pútrido dos pântanos, consumindo água insalubre, o pouco asseio do povo e, por fim, aponta ainda, a ingestão de alimentos salgados e o uso de bebidas alcólicas (Franco, 2014: 118).

É desse modo que Tschudi entendia ser urgente a necessidade da limpeza dos leitos do Rio Novo, a fim de evitar justamente a ação miasmática na população local. Já na colônia de Santa Leopoldina, conforme vimos, Tschudi entendia que o principal problema médico a se enfrentar era a opilação. Neste senti-

do, Tschudi entendia que a causa de tal doença estava na má qualidade da alimentação dos colonos.

Edler, em artigo que trata da disputa ocorrida na década de 1860, mais precisamente a partir de 1866, entre a Academia Imperial de Medicina e o médico Otto Wücherer, que defendia a ideia da existência de um verme como causador da opilação, informa-nos que era corrente o pensamento, na classe intelectual da época, que a opilação era decorrência também dos miasmas.

Segundo Edler, por exemplo, o reconhecido médico Xavier Sigaud endossava a opinião da Academia Imperial de Medicina, na pessoa de Cruz Jobim, quando o assunto era a hidromia tropical (opilação):

Para ele [Xavier Sigaud citando Cruz Jobim] a ação mórbida do elemento intermitente (miasma), após penetrar pelo sistema nervoso, alcançaria o sistema linfático e sanguíneo e causaria uma série de desordens patológicas no sistema seroso, nas glândulas e na parede do coração. A intoxicação paludiana resultaria, no tocante ao sangue, num estado caquético (Edler, 2004: 53).

Apesar de Tschudi não mencionar, no caso da colônia de Santa Leopoldina, a ação dos miasmas como causa da opilação não estava tão longe do pensamento médico acadêmico da época. Atrelada à questão dos miasmas, também havia deficiências alimentares que colaboravam para o desenvolvimento da opilação. Edler lembra que:

na década de 1860, Souza Costa afirmava que: além das condições meteorológicas próprias ao clima tropical, seriam a causa predisponentes: alimentação insuficiente, habitação em lugares úmidos e mal arejados, trabalho pesado, etc. (Edler, 2004: 54).

Para Tschudi, a opilação era consequência de uma precária alimentação, não aparecendo em seus escritos nenhuma referência a vermes como responsáveis por tal doença. Na verdade, tal discussão somente começaria a ser feita em território nacional, entre a Academia Imperial de Medicina e Wücherer que, em seus escritos, levantou esta real possibilidade, a partir da segunda metade da década de 1860. Segundo Edler, para Wücherer:

Esta nova etiologia alterava a hierarquia causal até então aceita. A temperatura e a umidade tornavam-se causas predisponentes junto com as demais causas anteriormente assim consideradas, enquanto que o verme parasita emergia como causa excitante específica (Edler, 2004: 58).

Magalhães sintetiza bem as possíveis causas da opilação pensadas na época, ao citar os estudos de Silva Jobim e Otto Wücherer a respeito desta doença:

Os médicos José Martins da Silva Jobim, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e Otto Edward Wücherer, da Faculdade de Medicina da Bahia, foram os pioneiros no estudo das manifestações da opilação no Brasil. O primeiro, que a denominou hipemia tropical, atribuía a má alimentação, sobretudo ao consumo de farinha de mandioca e carne-seca, e às

precárias condições higiênicas a sua grande difusão entre os segmentos sociais desfavorecidos. As análises cadavéricas realizadas em cinco defuntos pelo doutor Wücherer no ano de 1866 mostraram, além de sinais de anemia e cansaço, a presença de *ancylostomo duodenale*: “um verme de pequena dimensão que se nutrem de sangue e que se encontra em cardumes, agarrados, como sanguessugas, à mucosa do intestino delgado, provoca hemorragias e causa anemia profunda” (Gazeta Médica da Bahia, 10/7/1866: 3), sendo este o agente causador da opilação (Magalhães, 2014: 120).

Por fim, ao que parece, a situação degradante dos colonos com suas doenças, em especial a opilação, permaneceu ainda por um longo tempo, ao menos na visão de viajantes estrangeiros que vieram ao Espírito Santo. Mesmo na década de 1930, Giemsa e Nauck, viajantes estrangeiros enviados pelo Governo alemão, relatavam que os colonos viviam em condições higiênicas absolutamente “primitivas” (Lisboa, 2013: 131).

E entre as principais doenças encontradas entre os teuto-brasileiros capixabas encontrava-se a ancilostomíase (a chamada opilação). A esse respeito, a opinião dos viajantes era de que as famílias destes imigrantes eram “famílias degeneradas”, pela miscigenação e pelas doenças que enfrentavam:

Nas supostas “famílias degeneradas” (p. 39) o problema residia na decadência econômica ou nas consequências do alcoolismo, que acabavam potencializando doenças já existentes, sobretudo nos casos de ancilostomíase. E ensinam: “aos olhos do leigo, as crianças pálidas, definhadas, intelectual e fisicamente atrasadas, abandonadas a própria sorte, facilmente aparentam ser degeneradas” (Lisboa, 2013: 132).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relatório de Johann Jacok Von Tschudi, sem dúvida, apesar de exageros de sua parte e evidentemente de uma visão europeia com seus preconceitos estabelecidos, apresenta-nos uma clara dimensão, por um lado, das dificuldades que muitos imigrantes sofreram nesta tentativa de “fazer a América” e, por outro, do espírito desbravador destes que ajudaram a construir a Província do Espírito Santo, apesar dos “males nos trópicos”.

Percebe-se, pelas referências feitas por Tschudi, que a vinda dos imigrantes para a então Província do Espírito Santo não se deu sem o enfrentamento de muitas adversidades, inclusive em questões de saúde, doença e morte, dificuldades que persistiram também entre seus descendentes. Para Tschudi falta de assistência médica, alimentação não balanceada, epidemias e graves doenças faziam parte da dura jornada enfrentada por estes imigrantes.

As convicções de Tschudi baseadas em argumentos da época, como a doença denominada opilação, consequência de uma alimentação pobre em nutrien-

tes, ou os “ares pútridos” dos miasmas, deram a tônica de enfermidades que os imigrantes enfrentaram em solo espírito-santense, não que isso ocorresse somente em terras capixaba, muito pelo contrário, visto serem problemas referidos em várias regiões do Brasil.

Por outro lado, o relatório de Tschudi também nos traz à memória não apenas as lutas e dificuldades destes imigrantes, mas o firme propósito de trabalhar, de plantar e colher, de crescer economicamente e prosperar, de resistir e vencer as vicissitudes da vida na Província do Espírito Santo.

## AGRADECIMENTOS

Agradecimento à Fundação de Amparo à Pesquisa Inovação do Espírito Santo (FAPES) pelo financiamento do projeto “Doenças, morte, ritos e monumentos fúnebres entre os teuto-brasileiros no estado do Espírito Santo”, junto ao Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas (PPGHIS/UFES), que resultou na produção deste artigo.

## BIBLIOGRAFIA

- Chalhoub, S. (1996). *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Dreher, M.N. (2012). O suíço Johann Jakob Von Tschudi (1818-1889) e suas leituras da América do Sul. *Estudos Ibero-Americanos*, (38).
- Doro, N.M. (2012). As doenças na literatura dos viajantes. En: *As doenças e os medos sociais*. São Paulo: Editora Fap-Unifesp.
- Edler, F.C. (2004). Opilação, hipoemia ou ancilostomíase? A sociologia de uma descoberta científica. *Varia História*, (32).
- Franco, S.M.S. (2008). *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- Franco, S.P. (2014). Pânico e terror: a presença da cólera na Província do Espírito Santo (1855-1856). *Revista Almanack*, (7).
- Hochmann, G. (2013). Prefácio. En: *História da saúde e das doenças no interior da Bahia. Séculos XIX e XX*. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
- Lisboa, K.M. (2013). Insalubridade, doenças e imigração: visões alemãs sobre o Brasil. *Revista História, Ciência, Saúde. Manguinhos*, (20).

- Magalhães, S.M. (2014). *Males do sertão: alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX*. Goiânia: Cãnone Editorial.
- Martins, L.A.P., Martins, R.A.M. (s.f.) *Infecções e higiene antes da teoria microbiana: a história dos miasmas*. Disponível em: <http://www.ghtc.usp.br/server/pdf/ram-miasmas-Sei-Am.pdf>.
- Ribeiro, M.M. (1997). *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Editora Hucitec.
- Rocha, G. (2000). *Imigração estrangeira no Espírito Santo: 1847-1896*. Vitória.
- Rocha, G. (2004). Prefácio. En: *Viagem à província do Espírito Santo: imigração e colonização suíça 1860*. Coleção Canaã, (5). Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.
- Saletto, N. (1996). *Trabalhadores nacionais e imigrantes no mercado de trabalho do Espírito Santo (1888-1930)*. Vitória: Edufes.
- Seyferth, G. (1974). *A colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Editora Movimento.
- Tschudi, J.J. Von (2004). *Viagem à província do Espírito Santo: imigração e colonização suíça 1860*. Coleção Canaã, (5). Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.